

Por que as mulheres muitas vezes acabam reproduzindo a opressão?

A ideia de que a realização como mulher só se dará a partir do encontro de um companheiro gera uma competição pela atenção dos homens, fortalecendo assim o patriarcado. Os homens jogam com essa competição e se beneficiam dela. O patriarcado cria uma falta de solidariedade entre as mulheres e constrói a falsa ideologia de que dependemos dos homens para sobreviver. A falta de solidariedade entre mulheres em caso de violência doméstica também é um problema. Muitas mulheres possuem como espaço de lazer a igreja e cultos que por vezes incentivam a aceitação da opressão que sofrem. Por isso a importância de buscar relações e a felicidade também em outros espaços. Deixando claro que a fé não é um problema, desde que tenhamos o nosso livre arbítrio, mantendo o controle sobre nossas vidas.

E que estratégias podemos construir para superar as desigualdades?

A mais importante delas é a auto-organização. Em grupos, coletivos e movimento de mulheres podemos encontrar juntas algumas estratégias para o enfrentamento das dificuldades. Trata-se de um processo de permanente tomada de consciência e sempre em construção. A solidariedade também é fundamental, compartilhar conquistas e derrotas, criando estratégias para nos apoiarmos. Por isso precisamos ter paciência e sempre acreditar nas mulheres, confiar. Podemos nos fortalecer se a gente consegue montar redes de solidariedade para resolver de forma coletiva as questões do trabalho doméstico: fazer alimentação, cuidar das crianças, de si. Pensando juntas em práticas que demandem menos trabalho para que tenhamos mais tempo para as articulações e atividades políticas. Afinal, as nossas crianças não são formadas somente em casa, mas também nas escolas, pela mídia e muitos outros espaços que precisam ser disputado..



E mais uma vez feminismo e agroecologia se encontram...

Dizem que as mulheres são mais abertas para a transição agroecológica! A extensão rural que vendia o modelo chamado "revolução verde" se dirigia aos homens, para as mulheres só eram apresentadas maneiras de serem melhores esposas e mães. Muitas agricultoras perceberam os efeitos da "revolução verde" e se mantiveram críticas ao modelo de agricultura e de vida impostos. Feministas, sem saber que eram e também agroecológicas sem conhecer ainda a palavra, guardaram e cuidaram das sementes, das medicinas, da terra, dos animais,

O informativo "Maria vem com as outras" é uma publicação do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata. Endereço: Sítio Alfa-Violeira, Zona Rural, Viçosa/MG - cx.pt 128 CEP: 36570-000 - Tel: (31) 3892 2000 - E-mail: cta@ctazm.org.br / site: www.ctazm.org.br. Texto: Nina Pinheiro e Angélica Almeida. Arte gráfica: Oswaldo Santana. Revisão: Liliam Telles, Angélica Almeida e Isaac Barbosa. Tiragem: 1000 exemplares.



Rede de
Produtoras
Rurais do
Nordeste



GT Gênero
Grupo de Trabalho em
Gênero e Agroecologia



Esta publicação foi produzida como o apoio da União Européia. O conteúdo desta publicação é de exclusiva responsabilidade do Centro de Tecnologias Alternativas -CTA-ZM, e não pode, em caso algum, ser tomado como expressão das posições da União Européia.



Maria vem com as outras

Nº 2, novembro de 2014 – Informativo do Projeto Mulheres e Agroecologia em Rede



Essa é a segunda edição do "Maria vem com as outras". Aqui você fica sabendo o que aconteceu no segundo módulo do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia (PFFA) da Região Sudeste do Brasil. Com o tema "Auto-organização e participação das mulheres", este módulo foi realizado no Recanto São José, em Belo Horizonte, e contou com a participação de agricultoras do Rio Doce, Leste, Norte, Zona da Mata e Leste de Minas, Região Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Jequitinhonha, São Paulo, Rio de Janeiro e extremo Sul da Bahia. Boa leitura!

Machismo é Violência, Feminismo é Resistência!



Várias atividades fizeram parte da metodologia de trabalho do II PFFA. Conheça algumas delas!

Mapa da Divisão Sexual do Trabalho

Como as tarefas são divididas na sua propriedade?
Todos contribuem para os serviços na roça e dentro de casa?

Durante o primeiro módulo de formação, as participantes construíram mapas com a sociobiodiversidade de suas propriedades, apresentando a diversidade de seus cultivos e das suas criações animais. Já neste segundo PFFA, as mulheres foram divididas em grupos e receberam adesivos de agricultoras e agricultores. Foi pedido que, a partir das suas realidades, os adesivos fossem colados, identificando quais espaços produtivos da família são ocupados por homens e quais espaços são ocupados pelas mulheres.

Houve socialização dos resultados e um espaço de reflexão. "Percebemos que as mulheres estão muito sobrecarregadas, porque estão nos espaços 'ditos' dos homens, mas os homens não estão inseridos nos espaços 'ditos' das mulheres, principalmente nas atividades domésticas" relata uma das participantes.



Caderneta Agroecológica

Você tem se lembrado de anotar aquilo que produz? O seu trabalho gera renda e segurança alimentar e precisa ser valorizado! Não se esqueça de registrar os alimentos utilizados no consumo da sua família, aquilo que é doado, trocado e também o que é vendido

Qtd	Consumiu	R\$	Qtd	Deu	R\$	Qtd	Trocou	R\$	Qtd	Vendeu	R\$
	Registre aqui o que a sua família utiliza da produção.			Registre aqui o que foi doado a qualquer pessoa..			Registre aqui o produto da sua propriedade que você usou na troca.			Registre aqui o produto que você vendeu.	

Intercâmbio Agroecológico

Você conhece alguma experiência individual ou comunitária de agricultura no meio urbano?



Durante o intercâmbio deste módulo, as participantes visitaram duas experiências agroecológicas urbanas em Belo Horizonte, na região conhecida como “Baixo Onça”: a horta comunitária “Frutos da União” e o quintal da dona Veranilta Costa. Foi possível perceber que, a partir da auto-organização das mulheres, pequenas áreas de quintal podem produzir grande variedade de alimentos saudáveis na cidade, gerando benefícios diretos para as agricultoras e para as suas redes de comércio. “Eu fiquei até emocionada com o trabalho da dona Vera. Eu vi um terreno ruim para trabalhar e a água que ela utiliza é paga, enquanto que no meu município a gente tem espaço produtivo de sobra, tem água jorrando no chão sem

necessidade, espedaçando, e tem gente que não tem uma folha de cebolinha, porque, infelizmente, falta coragem.”
Ana Lucia Silva, Porteirinha, Minas Gerais

Mapas das Organizações

Como é a divisão de decisões na sua organização? É dada a mesma importância para a participação das mulheres e dos homens?



A construção dos mapas das organizações é uma metodologia utilizada para verificar em quais espaços e cargos as mulheres estão presentes nas instituições nas quais trabalham. As participantes são convidadas a descrever como é a composição da equipe de trabalho de suas organizações, especificando o número e funções desempenhadas por mulheres e homens.

Uma agricultora comentou a importância deste tipo de reflexão: “No mapa das organizações verificamos quem está ocupando os cargos mais importantes e também número de participação das mulheres. A maioria dos espaços decisórios ainda está sendo coordenada pelos homens, as mulheres se concentram em cargos administrativos, na secretaria, mas não em coordenações”.

Cultural

As atividades culturais são muito importantes durante o PFFA. Além de resgatar e valorizar as manifestações artísticas locais, este espaço de confraternização contribui para o fortalecimento de laços e a descontração entre as participantes

O coral “Cigarras Cantoras” fez uma belíssima apresentação durante este PFFA. Entre uma música e outra, a regente contou a história do grupo, que é composto por mulheres educandas de EJA- Educação de Jovens e Adultos. “Eu percebi que elas achavam que só tinham que trabalhar. Não podiam ter nada para elas, não podiam sentir o prazer de ser feliz, de passear, de brincar. Começamos a cantar, músicas de roda, para desinibilizar e ajudar a aprender.” Depois da apresentação, houve uma roda de conversa e se pôde conhecer melhor a trajetória do coral. Várias identificações foram percebidas entre as histórias de vida das coralistas e das agricultoras do PFFA. Em seus depoimentos, algumas educandas ressaltaram a importância do “Cigarras Cantoras” como forma de cuidado consigo mesmas, ao se libertarem, um pouco, dos trabalhos domésticos. “A gente só ficava olhando neto, lavando roupa, vasilha. A gente achava que nunca ia aprender a assinar nem um nome. Hoje eu me sinto tão feliz, mas tão feliz de saber ler e escrever”.



Ao longo do II Módulo, foram feitas várias reflexões a partir das dinâmicas utilizadas. Vamos tratar um pouco a temática da divisão sexual do trabalho e algumas estratégias de resistência!

O feminismo deve ser compreendido por nós como um instrumento de luta para a superação da opressão das mulheres e das desigualdades. A Divisão Sexual do Trabalho é a base material da opressão e da desigualdade e, por isso, precisamos entender como ela se expressa e impacta sobre nossas vidas. Porque os trabalhos feitos pelos homens são mais valorizados ou considerados mais importantes? Danièle Kergoat, que foi muito importante para sistematizar esse conceito, considera que há dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho. Um deles é a separação, essa ideia que separa o que é trabalho de homens e de mulheres. Outro é a hierarquia, que considera que o trabalho dos homens vale mais do que o das mulheres. Já nos anos 1950, a feminista francesa Simone de Beauvoir nos disse que o trabalho doméstico é invisível e não é considerado trabalho, por isso ninguém repara e não tem respeito. Só quando deixa de ser feito que o trabalho doméstico passa a ser visível. O princípio da hierarquia citado por Danièle Kergoat se manifesta, por exemplo, na ideia de trabalho leve e pesado. O trabalho realizado pelas mulheres é sempre considerado leve, enquanto que o trabalho dos homens é sempre considerado pesado, o que contribui para a sobrevalorização do trabalho masculino.

Cristina Carrasco, uma feminista e pesquisadora chilena, afirma que o não reconhecimento do trabalho doméstico e de cuidados tem como objetivo ocultar sua dimensão econômica e a relação com a exploração capitalista. A economia capitalista reduziu o conceito de trabalho àquelas atividades que têm relação com o mercado. Então o trabalho doméstico, a horta, o cuidado com a família, com os pequenos animais e a saúde fica invisível. Mas é esse trabalho invisível e não valorizado realizado pelas mulheres que sustenta o aumento do lucro dos grandes proprietários e das empresas. Elas não pagam por ele, mas se beneficiam desse trabalho realizado pelas mulheres.

Outro aspecto importante é que o trabalho doméstico e de cuidados, além do esforço físico, demanda uma atenção emocional (atenção, carinho e cuidado) permanente e que é entendida como manifestação de amor pelas mulheres ou como sua obrigação. O que as mulheres aprendem desde pequenas (cuidar da casa, dos irmãos, dos idosos) vai sendo naturalizado e não valorizado. Essa naturalização de que isso é “coisa de mulher” associada ao não reconhecimento enquanto trabalho, acaba sobrecarregando as mulheres.



Existem várias formas de violência...

A construção do casamento como ideal de vida serve também para que as coisas funcionem na casa ou na propriedade, dando uma ideia, na nossa sociedade, de que o trabalho doméstico é manifestação de amor. A violência doméstica é utilizada para constranger as mulheres por não estarem cumprindo o seu papel, impondo que continuem nessa situação. O controle se dá em um nível extremo, através da violência física. Porém, o controle sobre o que fazer com o dinheiro da casa, com a propriedade e com o corpo também são formas de opressão e violência. Ciúme, por exemplo, não tem relação com amor, mas com controle. Outro exemplo é o fato de muitas mulheres serem contaminadas por agrotóxicos por lavarem as roupas que seus maridos e filhos utilizam na aplicação.

Fonte: Faria, Nalu. A divisão Sexual do Trabalho como base material das relações de gênero. Consultado em <http://www.sof.org.br/textos/11>.